



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO GUAMÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

LEANDRO HERY ASSUNÇÃO OLIVEIRA

**O TRAPICHE DE ICOARACI: COTIDIANO, SOCIABILIDADE E
TRABALHO NO BAIRRO DO CRUZEIRO EM BELÉM (PA)**

BELÉM-PA
2026

LEANDRO HERY ASSUNÇÃO OLIVEIRA

O TRAPICHE DE ICOARACI: COTIDIANO, SOCIABILIDADE E
TRABALHO NO BAIRRO DO CRUZEIRO EM BELÉM (PA)

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Ciências Sociais, do Campus
Universitário do Guamá, da
Universidade Federal do Pará,
como requisito para obtenção do
título de Bacharel em Ciências
Sociais.

Orientador: Dr. Flávio Leonel
Abreu da Silveira

BELÉM-PA
2026

O TRAPICHE DE ICOARACI: COTIDIANO, SOCIABILIDADE E TRABALHO NO BAIRRO DO CRUZEIRO EM BELÉM (PA)

Leandro Hery Assunção Oliveira¹

Flávio Leonel Abreu da Silveira²

Resumo: O artigo busca refletir sobre as dinâmicas sociais no Trapiche de Icoaraci, no bairro do Cruzeiro, em Belém (PA), visando compreender as complexidades cotidianas desse universo ribeirinho, onde formas de sociabilidade e atividades laborais se entrelaçam. A investigação procura entender como as práticas cotidianas dos frequentadores organizam relações com as paisagens e os fluxos de circulação do espaço. Baseado em aproximações prolongadas ao campo, convivência com trabalhadores e registros sistemáticos do dia a dia, o estudo destaca as relações multiespécie presentes no trapiche considerando-se as interações entre humanos e outras espécies. As observações apontam para arranjos sociais, econômicos e ambientais marcados por forte interdependência, revelando que essa convivência multiespécie estrutura o cotidiano e contribui para compreender como o trapiche é³ continuamente produzido e significado por seus habitantes.

Palavras-chave: dinâmicas sociais; sociabilidade ribeirinha; práticas cotidianas; multiespécie; interdependência.

Abstract: This article aims to reflect on the social dynamics at the Trapiche of Icoaraci, located in the Cruzeiro neighborhood in Belém (Pará, Brazil), seeking to understand the everyday complexities of this riverside universe, where forms of sociability and labor activities are intertwined. The study examines how the daily practices of its regular participants organize relationships with the landscape and the spatial flows of circulation. Based on prolonged engagement in the field, close interaction with workers, and systematic records of everyday life, the research highlights the multispecies relations present at the trapiche, considering interactions between humans and other species. The observations point to social, economic, and environmental arrangements marked by strong interdependence, revealing that this multispecies coexistence structures daily life and contributes to understanding how the trapiche is continuously produced and given meaning by its inhabitants.

Keywords: social dynamics; riverside sociability; everyday practices; multispecies; interdependence.

¹ Leandrohery9@gmail.com – Universidade Federal do Pará

² flabreu@ufpa.br – Universidade Federal do Pará

1. INTRODUÇÃO

A partir de pesquisa etnográfica no mundo urbano de Belém, o artigo⁴ em questão busca compreender os fluxos de circulação do açaí entre a Ilha de Urubuoca⁵ e a Feira do Trapiche de Icoaraci, destacando as relações de interdependência entre humanos e não-humanos no contexto das práticas produtivas e comerciais que dinamizam a vida da e na urbe. Neste sentido, volta-se para as complexidades das dinâmicas socioambientais e econômicas que envolvem a cadeia produtiva do açaí na Amazônia, especialmente no Distrito de Icoaraci e, mais diretamente, no bairro do Cruzeiro na cidade de Belém (PA).

Esta perspectiva, fundamentada na ideia de interações mais-que-humanas no contexto da baía do Guajará, tenta romper com visões estritamente economicistas e antropocêntricas para o mundo urbano belenense, permitindo reconhecer as agências dos existentes, como os açazais, os ecossistemas de várzea, os manguezais e os próprios animais como atores ativos na configuração do território e nas práticas sociais locais que envolvem as suas interações com coletivos humanos naquele contexto.

Em termos teóricos, a pesquisa se apoia em referenciais contemporâneos das ciências sociais e da antropologia, que dialogam com as noções de territorialidade e identidade (HAESBAERT, 2004; HALL, 2006; CRUZ, 2011). A compreensão do território é aqui ampliada para incluir dimensões simbólicas, afetivas e ecológicas na delimitação das paisagens urbanas, nas quais as identidades ribeirinhas se constroem de forma relacional e processual para a conformação de paisagens citadinas que se conectam às ilhas do entorno de Belém. Conforme propõe Stuart Hall (2006), a identidade é um processo em constante formação, atravessado por práticas de representação e por relações de poder. Essa perspectiva teórica tem orientado a análise das dinâmicas de pertencimento observadas no Trapiche de Icoaraci, em que os espaços e as posições sociais como as ocupadas por ribeirinhos, marreteiros⁶ e atravessadores se

⁴Este artigo é tributário do projeto de pesquisa intitulado “As paisagens citadinas na/da porção norte da capital paraense e seus dilemas socioambientais: os distritos de Icoaraci (DAICO) e de Outeiro (DOUT) como ecossistemas urbanos-mais-do-que-humanos na Região Metropolitana de Belém (RMB)”, coordenado pelo Dr Flávio Leonel Abreu da Silveira e contou com o apoio do CNPq, por intermédio da bolsa de produtividade em pesquisa. Leandro Hery Assunção Oliveira recebeu bolsa de Iniciação Científica pela FAPESPA.

⁵A Ilha de Urubuoca, localizada na região do arquipélago de Belém (PA), constitui-se num espaço de intensa atividade ribeirinha, articulando práticas de subsistência, comércio e sociabilidade na região ribeirinha da metrópole, que refletem modos de vida tradicionais amazônicos junto ao contexto urbano. É dela que saem grande parte dos atravessadores e produtores de açaí que abastecem o trapiche de Icoaraci (situado na Orla do Cruzeiro), estabelecendo uma dinâmica cotidiana entre as ilhas e a cidade marcada pela mobilidade fluvial e pela dependência dos ciclos naturais do rio e do fruto do açaí.

⁶Termo popularmente utilizado na região metropolitana de Belém para designar os pequenos comerciantes de rua que vendem produtos diversos (especialmente o açaí), estabelecendo relações diretas com os atravessadores e

entrelaçam, refletindo tanto a organização econômica quanto a produção simbólica do espaço praticado (Certeau, 1997).

A compreensão das práticas comerciais e das relações de sociabilidade que ocorrem diariamente nas proximidades do trapiche e estruturam a feira do açaí, revelou um universo de relações sociais extremamente dinâmicas nas paisagens citadinas da orla. A partir do acompanhamento cotidiano das atividades foi possível perceber uma organização espacial marcada pela distinção entre ribeirinhos e marreteiros, refletindo diferentes formas de inserção no circuito produtivo do açaí e, conseqüentemente, distintas representações de pertencimento territorial. Essa diferenciação, observada na disposição física dos agentes dentro da feira, evidencia como os espaços urbanos amazônicos são configurados por interações complexas entre práticas econômicas, identidades sociais e elementos ambientais que contribuem para a constituição das paisagens urbanas ribeirinhas no contexto de Icoaraci.

Além disso, o entendimento acerca dos fluxos regionais de produção e circulação do açaí, incorporou observações em ilhas adjacentes à Ilha de Urubuoca. Essa ampliação permitiu identificar especificidades locais geográficas, sociais e econômicas, que influenciam as redes de trocas e os modos de apropriação do território pelos coletivos humanos. Assim, o estudo contribui para uma leitura mais abrangente da economia do açaí na cidade de Belém, reconhecendo-a como expressão de um ecossistema socioeconômico e ambiental integrado de paisagens citadinas, em que o vegetal não é apenas uma *commodity*, mas um marcador identitário de forte expressão cultural para as populações amazônicas (MENEZES; SANTOS, 2011).

2. AS FORMAS DE TRABALHO NO TRAPICHE DE ICOARACI

Quando o trapiche de Icoaraci é mencionado pelas pessoas, seja qual for o contexto, a associação mais imediata tende a ser àquela vinculada à travessia para a ilha de Cotijuba, realizada cotidianamente por meio de embarcações de pequeno porte, conhecidas como “popopô⁷” e pelos navios que atracam no local. Tal percepção, embora correta e amplamente

consumidores. A origem do termo “marreteiro” está associada à prática de *marretar*, expressão local que significa comprar produtos em grande quantidade para revendê-los em pequenas porções ou unidades, prática comum nas feiras e mercados populares. Esses trabalhadores exercem papel essencial na circulação do açaí, articulando a economia ribeirinha à urbana e revelando formas de trabalho e sociabilidade típicas da economia popular amazônica.

⁷A expressão *popopô* refere-se as embarcações de pequeno e médio porte que circulam pelos cursos d'água amazônicos, geralmente equipadas com motores de baixa potência, cujos ruídos característicos deram origem ao nome popular. No trapiche de Icoaraci, esses barcos desempenham papel central na mobilidade cotidiana, realizando travessias regulares para locais como Cotijuba, Jutuba, Ilha Nova e outras localidades insulares

difundida, reduz o trapiche a uma função essencialmente logística, negligenciando a complexa rede de relações sociais, econômicas, territoriais e simbólicas que ali se entrelaçam ao longo do tempo. O espaço, na prática, configura-se como um território multifacetado, marcado pela intensa circulação de pessoas, produtos, saberes e práticas que conformam as experiências de trabalho e sociabilidade no distrito de Icoaraci.

A amplitude dessas interações revela que o trapiche opera como ponto articulador de diferentes mundanidades ribeirinhas, urbanas e fronteiriças que, embora distintas, convivem no mesmo espaço, negociando continuamente suas presenças no lugar e pertencimentos à urbe e ao arquipélago. Essa dinâmica dá concretude à afirmação de Hannerz (1997, p. 10) de que “a cidade é um sistema de interação, um entrelaçamento de fluxos que se cruzam continuamente”. O trapiche, nesse sentido, pode ser interpretado como um microcosmo urbano-ribeirinho, no qual fluxos econômicos, afetivos e territoriais não apenas se cruzam, mas se co-produzem como partes de um mesmo ecossistema socioambiental singular.

2.1 OS RIBEIRINHOS ATRAVESSADORES: CIRCULAÇÃO, TRABALHO E TERRITORIALIDADE

No trapiche de Icoaraci é possível perceber que grande parte do açaí comercializado no local é manejado por atravessadores que transportam e comercializam o fruto até o centro da feira, assim, constituindo parte do núcleo estruturante de toda a dinâmica local. São eles os responsáveis por realizar a travessia diária desde a Ilha de Urubuoca e outras localidades próximas, movendo-se por rotas fluviais que demandam conhecimento apurado das marés, das correntes e dos ciclos sazonais presentes na região. Esses deslocamentos não são atividades meramente técnicas, mas práticas profundamente enraizadas em um modo de vida que articula trabalho, experiência e relação intensa com o rio cotidianamente.

A circulação do açaí enquanto fruto central na economia e na cultura alimentar amazônica depende diretamente desses trabalhadores, que conduzem pequenas rabetas⁸

próximas. Para além de seu valor funcional, os *popopós* mantêm uma importância histórica e simbólica para os moradores ribeirinhos e ilhéus, pois asseguram a continuidade das redes de circulação de pessoas, mercadorias e práticas culturais ribeirinhas. Sua presença quotidiana evidencia o quanto o trapiche permanece atravessado por fluxos hidroviários que antecedem e ultrapassam a lógica urbana formal, articulando modos tradicionais de deslocamento ao dinamismo econômico contemporâneo da região metropolitana.

⁸ As rabetas são embarcações motorizadas de pequeno porte utilizadas pelos ribeirinhos para o transporte de pessoas e cargas (como o açaí), que se movimentam entre as ilhas e o Trapiche de Icoaraci. Essas embarcações exigem conhecimentos detalhados das marés, correntes e condições climáticas, incorporando saberes tradicionais e experiências transmitidas entre gerações. No contexto do trapiche, as rabetas são essenciais para a logística da circulação do fruto e para a manutenção das rotinas econômicas e sociais naquele contexto.

carregadas de rasas⁹ cuidadosamente dispostas para preservar a integridade do produto. A viagem é realizada majoritariamente nas primeiras horas da madrugada, momento fundamental para garantir a chegada do açaí ainda fresco ao mercado urbano, dada sua rápida oxidação e a demanda crescente pela qualidade do fruto.

Ao chegarem ao trapiche, os atravessadores assumem também o papel de vendedores. Instalam-se no centro da feira onde negociam com marreteiros, revendedores, feirantes e consumidores em geral. Essa dupla atuação (transportar e vender) demonstra a multiplicidade das funções desempenhadas por esse grupo, cujo trabalho ultrapassa fronteiras rígidas entre produção, circulação e comércio. Trata-se de uma economia assentada na flexibilidade, na polivalência e na capacidade de transitar entre diferentes esferas da cadeia do açaí, características típicas da economia popular amazônica.

A presença dos atravessadores (que se tratam por “ribeirinhos”) no trapiche também evidencia processos de territorialização e multiterritorialidade (HAESBAERT, 2004). Ao deslocarem-se diariamente entre ilha e cidade, eles constroem e habitam múltiplos territórios articulados por redes familiares, práticas econômicas, memórias de lugares praticados e vínculos identitários. O trapiche, nesse sentido, funciona como ponto de ancoragem simbólica e material: um território urbano que se torna prolongamento do território ribeirão na metrópole.

Essa presença ribeirinha produz ainda um senso particular de tempo e ritmo àquele contexto sociocultural urbano. Diferentemente da temporalidade urbana, marcada pela regularidade e pela previsibilidade, a temporalidade ribeirinha é orientada por marés, estações e a sazonalidade do açaí. O trapiche torna-se, portanto, o espaço onde essas temporalidades se encontram, onde a lógica do manejo sociocultural da natureza negocia com a lógica comercial, quando os ribeirinhos desenvolvem táticas adaptativas que lhes permitem operar na fronteira entre dois modos de vida.

2.2 CARREGADORES: FORÇA DE TRABALHO, AGILIDADE E CONHECIMENTO PRÁTICO DO ESPAÇO

⁹As rasas são recipientes tradicionais trançados em palha, geralmente de miriti ou arumã, utilizados para armazenar e transportar o açaí. Embora menores que os *paneiros*, possuem função semelhante, qual seja: proteger os frutos, permitir ventilação e facilitar o manuseio no transporte entre as ilhas e o trapiche. As rasas são especialmente usadas para quantidades menores ou para separar lotes de diferentes qualidades, funcionando tanto como medida de volume quanto como unidade de comercialização

Os carregadores desempenham um papel central na dinâmica da feira ao realizarem a transposição física das mercadorias entre as embarcações e o espaço interno de comercialização. Sua atuação é fundamental para a fluidez da circulação do açaí, sobretudo por se tratar de um produto perecível e de alta demanda. A agilidade na execução das tarefas não se reduz à força física, mas resulta também da experiência acumulada e de um conhecimento prático do espaço do trapiche, construído no cotidiano do trabalho.

Em sua maioria, esses trabalhadores atuam de forma autônoma e sem vínculos formais, sendo assim eles se organizam por meio de arranjos informais, mediante acordos tácitos e redes de confiança estabelecidas ao longo do tempo. Tal configuração aproxima-se do que Milton Santos (2008, p. 204) define como parte do circuito inferior da economia urbana, caracterizado por atividades que operam com poucos recursos e forte base relacional, nas quais “o trabalho é intensivo, as técnicas são simples e a organização se apoia em relações diretas entre os agentes”. Nesse sentido, o trabalho dos carregadores revela não apenas uma dimensão funcional, mas também uma forma específica de inserção socioeconômica marcada pela informalidade e pela adaptação às condições concretas do espaço urbano.

No trapiche, entretanto, essa flexibilidade é atravessada pelas condições ambientais que determinam a chegada das embarcações, o volume de carga e os fluxos do dia. Daí, que as agências humanas são conexas àquelas não-humanas na constituição de paisagens urbanas mais-que-humanas no contexto belenense.

A circulação intensa de rasas de açaí torna o trapiche um espaço de movimento contínuo, onde os carregadores adaptam suas rotas, ritmos e táticas conforme as necessidades experimentadas no cotidiano do trapiche. Sua ação é coreografada pelo fluxo simultâneo de embarcações, pessoas, animais, mercadorias e automóveis, por exemplo. Trata-se de um tipo de conhecimento prático que se aprende pela convivência cotidiana com o espaço, e não por meio de treinamento formal¹⁰. A importância dos carregadores ultrapassa a dimensão logística. Sua presença organiza o fluxo da feira, influencia o tempo de negociação e determina o ritmo das transações que ali ocorrem. Não raro, carregadores operam como mediadores entre ribeirinhos e compradores, atuando na comunicação e facilitando as relações comerciais.

¹⁰Ver o artigo de Silveira e Bassalo (2012) sobre o tema do equilíbrio no deslocamento ribeirinho em zonas de instabilidade – como barcos atracados, passarelas e áreas de lama – quando carregam rasas e outros produtos sobre trapiches e portos. Ver também a dissertação de Terezinha Bassalo (2011).

Assim, eles compõem um segmento fundamental para a dinâmica do trapiche, contribuindo para sua complexidade e a manutenção de seu funcionamento cotidiano.

Esse processo evidencia não apenas a força física exigida pelo trabalho, mas também a constituição de saberes corporais que se desenvolvem no cotidiano e que estruturam a experiência de ser carregador naquele contexto. A repetição constante dos gestos faz com que o corpo se torne ele próprio uma ferramenta de trabalho a partir de técnicas corporais (Mauss, 1974) que se ajustam às exigências do peso, da velocidade e das superfícies irregulares do trapiche. Trata-se do que Merleau-Ponty descreve como “corpo-hábito”, isto é, um corpo transformado pela prática cotidiana e capaz de produzir técnicas incorporadas (MERLEAU-PONTY, 1945). Além disso, a circulação dos carregadores estabelece uma dinâmica particular no espaço: seus deslocamentos contínuos criam fluxos específicos, abrindo corredores, alterando a distribuição das pessoas e a configuração dos grupos, produzindo ritmos próprios que são mais acelerados nas primeiras horas da manhã e mais espaçados ao final da tarde.

2.3 MARRETEIROS: INTERMEDIACÃO ECONÔMICA, DISPUTAS E ESTRATÉGIAS

Os marreteiros constituem um grupo central para compreender o funcionamento econômico do trapiche de Icoaraci. Eles estão entre os ribeirinhos que chegam com o açaí proveniente das ilhas e os compradores finais, que incluem comerciantes da feira, pequenos empreendedores locais e consumidores que buscam o fruto fresco. Sua atuação envolve práticas intensas de negociação, gerenciamento de preços, avaliação da qualidade do produto e estabelecimento de redes de confiança com os ribeirinhos. Desempenham, assim, um papel de mediação essencial, articulando diferentes escalas de circulação do açaí: das ilhas para o trapiche e do trapiche para a cidade.

Tal atividade dos marreteiros é marcada por dinâmicas simultâneas de colaboração e disputa entre eles. Dependem dos ribeirinhos para ter acesso ao produto, mas disputam entre si os lotes mais valorizados, definidos pela textura dos frutos, coloração, temperatura e volume. Nas primeiras horas da manhã, quando os barcos começam a atracar, configura-se um cenário de grande agitação: os marreteiros aproximam-se rapidamente, avaliam visualmente os paneiros, apalpam os sacos para verificar a temperatura do fruto que é um indicador direto de frescor e iniciam negociações rápidas.

Além disso, os marreteiros detêm um grande conhecimento sobre os ciclos produtivos das ilhas, reconhecendo quais localidades fornecem o fruto mais valorizado em determinadas épocas do ano. Esse saber territorial é social e econômico, mas também ecológico, pois envolve

o entendimento dos regimes de cheia e vazante, das variações sazonais, das áreas mais vulneráveis a pragas e da reputação dos ribeirinhos quanto à regularidade e honestidade no fornecimento do fruto. A confiança, portanto, desempenha papel determinante nas transações.

As dinâmicas observadas no trapiche dialogam com o que assinala Eidorfe Moreira ao analisar a economia popular amazônica, quando afirma que “a vida econômica das populações amazônicas se organiza em torno de usos, reciprocidades e acomodações que garantem a circulação dos produtos e a sobrevivência coletiva” (MOREIRA, 1970). Nesse sentido, os marreteiros evidenciam um funcionamento híbrido da economia: atuam em um mercado competitivo e informal, pois dependem de relações interpessoais e seguem códigos tácitos que estruturam as trocas cotidianas. O comércio, portanto, não é desorganizado; é um sistema complexo, regulado por práticas locais envolvendo solidariedades diversas, reciprocidades constitutivas de laços e disputas diárias e mais ou menos conflituosas.

Desta forma, a circulação do açaí mediada pelos marreteiros também revela a articulação entre diferentes temporalidades. Enquanto os ribeirinhos chegam ao trapiche ainda no início da manhã, após horas de trabalho na coleta e no transporte do fruto, os marreteiros precisam revender rapidamente a carga para evitar o aquecimento do açaí, fenômeno que compromete sua qualidade do fruto no comércio. O tempo converte-se, assim, em recurso econômico: quanto mais rápida a revenda, maior o ganho. Essa urgência produz um ritmo próprio no âmbito do trapiche, mesclando momentos de intensa pressão com períodos de relativa calma, acompanhados por conversas informais, trocas de informação e reorganização das estratégias individuais cotidianamente.

3. CONSUMIDORES E *HABITUÉS*¹¹: PRÁTICAS DE COMPRA E USOS CULTURAIS DO/NO TRAPICHE

Os consumidores que frequentam o trapiche constituem um grupo bastante heterogêneo, formado por moradores de Icoaraci, comerciantes da feira do açaí, donos de pequenos negócios e indivíduos que buscam o fruto para consumo próprio ou familiar no local. A presença desse público evidencia, ao nosso ver, a força simbólica e cultural atribuída ao açaí na região

¹¹Utilizamos a expressão *habitués* para nos referirmos aos frequentadores regulares de um determinado espaço praticado, que desenvolvem rotinas, vínculos sociais e conhecimentos específicos relacionados àquele local. No contexto do trapiche de Icoaraci, aplica-se aos consumidores e visitantes que deambulam com frequência na feira do açaí, estabelecendo relações mais ou menos duradouras com os ribeirinhos, marreteiros e outros atores sociais presentes no mercado, contribuindo para a manutenção de práticas culturais, redes de confiança e sociabilidades locais na orla do Cruzeiro.

metropolitana de Belém. Nota-se que adquirir o fruto diretamente dos ribeirinhos que vendem o açaí no centro da feira confere autenticidade e prestígio ao consumo, associando-o à frescura do produto e à continuidade das tradições alimentares amazônicas, que reforçam o imaginário acerca do consumo do açaí como um elemento de potência identitária no contexto belenense/paraense.

A dinâmica observada no trapiche a partir da etnografia realizada naquele ambiente sociocultural nos aproxima da perspectiva de Hannerz, quando o autor destaca que “as culturas urbanas emergem da interseção entre fluxos materiais e simbólicos, nos quais objetos e práticas ganham sentido nas interações cotidianas” (HANNERZ, 1997). Nestes termos, o consumo do açaí obtido diretamente dos ribeirinhos não se restringe à dimensão alimentar: é também uma dimensão da agência presente na vida vivida que revela uma força identitária, articulando cidade e ilhas nas paisagens mais-que-humanas belenenses, associando tradição e modernidade, cotidiano e memória nas dinâmicas metropolitanas.

Além disso, a análise do cotidiano desses *habitués* evidencia como o trapiche funciona como espaço de sociabilidade na orla de Icoaraci. Alguns consumidores mantêm relações fixas com determinados ribeirinhos ou marreteiros, valorizando laços de confiança que garantem a qualidade do produto; outros preferem negociar diariamente, buscando preços mais acessíveis ou lotes específicos, mais densos, escuros e frescos considerados ideais para o preparo do açaí batido. Há ainda aqueles que frequentam o trapiche como parte de uma rotina social e cultural, conversando com conhecidos, acompanhando a movimentação dos barcos, ou simplesmente utilizando-o como local de contemplação das paisagens fluvial e portuária, contribuindo, assim, para a configuração do trapiche como um ponto de encontro e construção de relações interpessoais no bairro do Cruzeiro.

DaMatta, a partir de suas reflexões, nos oferece um olhar interpretativo relevante ao afirmar que “no Brasil, a vida social frequentemente se organiza a partir de relações personalizadas que suavizam a rigidez das regras formais” (DAMATTA, 1987, p. 45) experimentadas num mundo atravessado por hierarquias. Suas ponderações em torno da vida social cotidiana brasileira se materializam no trapiche: as interações entre consumidores e vendedores se pautam por reciprocidades cotidianas, confiança mútua e numa ética de caráter prático que organiza informalmente responsabilidades e funções, transformando o trapiche em espaço não apenas de circulação econômica, mas também moral ao conformar uma paisagem cidadina detentora de caráter sensível que mobiliza uma significativa fluidez sociocultural de feições amazônicas.

Sendo assim, o processo de escolha do fruto transcende a dimensão meramente econômica e envolve percepções sensoriais, avaliações estéticas e julgamentos morais sobre procedência e autenticidade do mesmo, que contribui para a produção de laços sociais complexos entre as pessoas, mas muito diretamente entre a urbe e o arquipélago do entorno. Portanto, cor, cheiro, temperatura e brilho do fruto são critérios utilizados pelos consumidores para identificar o “bom” açaí no âmbito das relações sociais vividas no trapiche. Ao selecionar o fruto, os trabalhadores e *habitués* exercem uma forma de agência cultural que expressa preferências, saberes culinários e valores associados à tradição regional, reafirmando sua identidade enquanto parte integrante das práticas e da memória coletiva que pulsa no trapiche de Icoaraci.

Por fim, a presença contínua dos consumidores e frequentadores desta infraestrutura urbana ribeirinha reforça o caráter performativo do consumo na metrópole: cada interação, escolha de produto e negociação contribui para a manutenção de vínculos, hierarquias e redes de confiança dentro do espaço, fortalecendo as dinâmicas sociais que sustentam a circulação do dinheiro (Simmel, 2013), demonstrando que o trapiche funciona simultaneamente como mercado, *locus* de intensa produção cultural e palco de sociabilidades cotidianas.

4. A PRESENÇA DE NÃO HUMANOS NO TRAPICHE DE ICOARACI: A CIRCULAÇÃO DE URUBUS-DE-CABEÇA-PRETA E POMBOS-DOMÉSTICOS

A dinâmica cotidiana no Trapiche de Icoaraci não é constituída apenas pela presença de trabalhadores, consumidores e fluxos de mercadorias; ela também depende da atuação constante de seres não humanos que participam, moldam e reorganizam as paisagens ribeirinhas do trapiche. Entre esses agentes destacam-se especialmente os urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) e os pombos-domésticos (*Columba livia*), cuja presença é frequentemente ignorada nas análises centradas exclusivamente nas ações humanas, mas que desempenham funções fundamentais na manutenção e também na perturbação do ambiente.

Os comportamentos, deslocamentos e hábitos alimentares dessas aves contribuem para configurar o trapiche como um espaço com características que vão além das práticas humanas, marcado por interdependências materiais e relações necessárias ao funcionamento do cotidiano do lugar como uma paisagem coexistencial interespécies (Silveira, 2016) vivida nas interações cotidianas.

Os urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), que se alimentam de restos de peixes, carcaças de animais trazidos pela maré, sobras descartadas por pescadores e comerciantes diariamente, executam uma espécie de limpeza involuntária do espaço justamente pelo caráter

comensal das interações *com* humanos. Ao consumir aquilo que seria potencialmente fonte de mau cheiro e contaminação, acabam realizando a manutenção no local, reduzindo a decomposição exposta e controlando a proliferação de resíduos orgânicos e possíveis vetores de doenças.

A sua atuação naquele contexto aproxima-se do que Haraway descreve como a capacidade de certos animais de atuarem “não como metáforas, mas como presenças materiais que fazem diferença no mundo” (HARAWAY, 2003), destacando que a sua participação ultrapassa o papel simbólico de “animal sujo”, como comumente é percebido¹², e opera diretamente na organização do espaço. No trapiche, essa diferença é concreta: ao reduzir parte dos resíduos deixados ao ar livre, os urubus mudam as condições de circulação, os odores circulantes do ambiente e até a experiência sensorial dos frequentadores.

Entretanto, sua ação não é unicamente benéfica. Ao disputarem restos alimentares, os grandes rapineiros também espalham resíduos pela área, principalmente quando rasgam sacos de lixo, arrastam fragmentos de peixes e redistribuem elementos que podem ser considerados como sujeiras sobre o trapiche, produzindo um ciclo contínuo de limpeza e desordem que dinamiza o mundo das coisas, gentes e bichos no trapiche.

Essa realidade vivida insere os urubus em um regime de presença incômoda, porém indispensável. Dessa forma, os coletivos nunca são compostos apenas de humanos, mas de todos aqueles que têm força para agir (LATOUR, 2004) no mundo urbano compartilhado, reforçando que, no trapiche, essas aves são partes constitutivas da vida social, neste caso, experienciada mediante as práticas espaciais ribeirinhas, junto as quais as aves desempenham agências mais ou menos intencionais no âmbito das dinâmicas de funcionamento cotidiano do cais.

Os pombos-domésticos (*Columba livia*), por sua vez, atuam de maneira diferente. Eles também desempenham funções de limpeza orgânica, pois interferem na circulação dos alimentos ao se alimentarem dos grãos de açaí que caem das rasas ou dos sacos transportados pelos carregadores e ribeirinhos. Essa interação aparentemente mínima possui implicações relevantes: ao consumir os grãos derramados e restos de farinhas ou de lanches que caem, os pombos participam da transformação do espaço em um terreno de disputas alimentares,

¹²Sobre a temática referida à presença de urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) e garças-brancas-grandes (*Ardea alba*) no contexto do Ver-o-Peso, em Belém, ver Silveira *et al* (2017).

contribuindo para a dispersão e eliminação de resíduos associados à criação de micro-territórios de interações em que aves e humanos convivem e se tensionam ao cruzarem seus caminhos continuamente no trapiche. Neste sentido, Ingold observa que “os lugares se formam a partir dos movimentos e das trilhas deixadas pelos seres que os percorrem” (INGOLD, 2011), e no trapiche essa dinâmica é perceptível se seguirmos os rastros de grãos que atraem os pombos – que se aglomeram, seguem lado a lado ou, mesmo, “enfileirados”, no processo de devoração dos caroços de açaí e grãos – e que deambulam entre os humanos, influenciando seus deslocamentos na medida em que condicionam parte das paisagens cotidianas ribeirinhas, incluindo o cais e a praia.

A movimentação desses animais, contudo, não se limita à busca por alimento: ela produz arranjos espaciais que interferem diretamente nas práticas humanas. À medida que circulam pelo trapiche, os pombos reorganizam fluxos, forçam desvios, provocam interrupções breves e, ao mesmo tempo, habitam-se à presença constante dos trabalhadores, integrando-se às rotinas do lugar e estabelecendo relações complexas de proximidade- distância com os transeuntes naquele contexto. Essa convivência cotidiana aproxima-se do que observa Moreno (2021), ao descrever sua chegada ao campo e o modo como os pombos se inscrevem na dinâmica portuária por ela estudada, quando observou “as relações envolvendo um animal pouco olhado, até então, pela antropologia, os pombos urbanos, ou ‘ratos com asas’, como são costumeiramente chamados”. Tal perspectiva evidencia que tais aves não apenas compõem as paisagens praticadas pelas pessoas, mas intervêm nas formas de circulação, sociabilidade e disputa material que configuram os espaços de trabalho com os coletivos humanos.

Assim, como no Porto de Santos, estudado por Moreno, percebemos que no trapiche de Icoaraci os pombos também instauram formas próprias de presença no lugar, produzindo afetos, incômodos e (re)arranjos cotidianos nas práticas humanas. Ao acompanhar seus movimentos, ora dispersos, ora concentrados nos rastros de alimento deixados pelos carregadores torna-se evidente que eles participam ativamente da construção das paisagens, afetando ritmos, trajetórias e percepções.

A coexistência entre trabalhadores e aves, portanto, não é mero detalhe ambiental, mas parte constitutiva das dinâmicas sociais mais-que-humanas que organizam o espaço. A partir daí, observar os pombos no trapiche não significa apenas registrar sua presença, mas compreender como esses animais, tal como apontado por Moreno (2021), tornam-se agentes que reconfiguram territorialidades, práticas laborais e modos de habitar, revelando a *complexidade multiespécie* que atravessa os cotidianos ribeirinhos no contexto belenense.

Além disso, a presença constante de pombos-domésticos e urubus-de-cabeça-preta produz efeitos sociais perceptíveis no cotidiano: alguns consumidores demonstram incômodo, outros parecem indiferentes, enquanto muitos os reconhecem como parte inevitável do ambiente de trabalho com alimentos em espaço aberto.

Nas conversas informais, esses animais surgem como marcadores de tempo e de atividade de labuta: há mais urubus nos dias de descarte de peixes, mais pombos quando o fluxo de açaí aumenta, evidenciando que os frequentadores identificam (ainda que de modo implícito) que a dinâmica do trapiche envolve essa convivência contínua com outras espécies. Essa consciência cotidiana, construída pela observação sensível dos ritmos compartilhados, revela que o trapiche não é apenas um ponto de circulação de mercadorias e pessoas, mas um espaço tecido por relações interespecies em contextos multiespecies como são as paisagens ribeirinhas. Assim, reconhecer o papel desses animais na rotina do lugar amplia a compreensão sobre como as paisagens de beira de rios são produzidas e mantidas, reafirmando que humanos, aves e alimentos integram, juntos, a materialidade e os fluxos que constituem o cotidiano do trapiche.

As ações não humanas no contexto do trapiche de Icoaraci não se limitam às aves, pois uma série complexa e diversa de entes e coisas constituem as paisagens do cais: as águas da maré, as madeiras úmidas da estrutura do trapiche, os paneiros de açaí, sacos e linhas de nylon, os peixes capturados pelos pescadores, os resíduos de diferentes ordens, as embarcações e motores das rabetas, as aves aquáticas que sobrevoam o local (gaivotas, trinta-réis, biguás, garças), entre outros, compõem a materialidade que condiciona as práticas nos espaços do cais. Estruturas, objetos e fluxos ambientais criam limites, abrem possibilidades e reorganizam as formas como o trabalho é realizado. Neste sentido, o trapiche deve ser entendido como a manifestação concreta de um coletivo heterogêneo no mundo urbano de Belém, onde humanos e não humanos se influenciam mutuamente mediante uma ecologia prática que dinamiza a vida diária do local e seu simbolismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A etnografia realizada no Trapiche de Icoaraci permitiu compreendê-lo como um território relacional complexo, que vai além sua função de travessia (para ilha de Cotijuba) e se constitui a partir da interação contínua entre diferentes grupos humanos — ribeirinhos, marreteiros, carregadores e consumidores — e elementos não humanos que participam ativamente da dinâmica cotidiana. Os fluxos do açaí evidenciam a articulação entre saberes tradicionais, práticas de trabalho e formas de sociabilidade que conectam as ilhas à cidade de Belém, organizando um circuito no qual tanto o transporte, a comercialização e o consumo se

apresentam como dimensões interdependentes. Nesse processo, o trabalho assume caráter flexível e relacional, sustentado por saberes cotidianos, redes de confiança e experiências compartilhadas, ao mesmo tempo em que produz formas de pertencimento que mobilizam e articulam o mundo ribeirinho e o urbano.

Nesse contexto, a presença de agentes não humanos, como urubus, pombos, marés e a própria materialidade do trapiche, evidencia que o funcionamento desse espaço depende de uma dinâmica relacional mais ampla, na qual diferentes formas de vida e elementos materiais atuam conjuntamente. Esses agentes influenciam ritmos, comportamentos, percepções e modos de uso do espaço, contribuindo para a configuração de uma paisagem mais-que-humana. Assim, o Trapiche de Icoaraci se revela como um espaço onde economia, cultura e ambiente estão profundamente conectados, relacionando sutilmente a vida urbana e ribeirinha em Belém e evidenciando que as cidades amazônicas são constituídas por redes de interdependência que envolvem pessoas, saberes e fazeres, territórios e outros existentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSALO, T. de F. R. *Diálogos com a metrópole: um estudo antropológico sobre moradores da ilha do Maracujá em relação de proximidade com Belém (PA)*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011. 191 ps.
- BELTRÃO, J. F.; RODRIGUES, C. I. Quando o *sabor da ribeira* aponta a instituição de identidade(s) em espaço urbano. In: TRINDADE Jr, S. C. C. de; SILVA, M. A. P. da. (Orgs.). *Belém. A cidade e o rio na Amazônia*. Belém: EdUFPA, 2005, ps. 44-62.
- CERTEAU, M. de. *A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- CRUZ, V. O. O rio como espaço de referência identitária na Amazônia: considerações sobre a identidade ribeirinha. *Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR*. Rio de Janeiro: ANPUR, 2011.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da (Orgs.). *Etnografias do trabalho, narrativas do tempo*. Porto Alegre: Marcavísal, 2015.
- FAO – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. *Panorama da segurança alimentar e nutricional na Amazônia Legal*. Brasília: FAO, 2022.
- FOOTE WHYTE, W. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- FURTADO, L. G.; LEITÃO, W.; MELO, A. F. (Orgs.). *Povos das águas: realidade e perspectiva na Amazônia*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, F. G. B.; HAESBAERT, R. (Orgs.). *Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos*. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 123–151.
- HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 3, n. 1, p. 7–39, abr. 1997.

HARAWAY, D. *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa de orçamentos familiares (POF) 2017-2018: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

INGOLD, T. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.

KIRKSEY, E.; HELMREICH, S. A emergência da etnografia multiespécies. *R@U - Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 12, n. 2, p. 273–307, 2020. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/?p=1659>. Acesso em: 4 out. 2021.

LIMA, A. C. B. et al. A importância socioeconômica e alimentar do açaí no contexto amazônico. *Revista NERA*, v. 41, p. 255–273, 2018.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, vs.1 e 2, 1974. [1950].

MENEZES, D. B.; SANTOS, M. L. S. Açaí: alimento, cultura e identidade paraense. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 26, n. 75, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MOREIRA, E. *Belém e sua expressão geográfica*. Belém: Imprensa Universitária, 1966.

_____. Sentido econômico da fundação de Belém. *Revista de Estudos Paraenses*, Belém, v. 1, n. 1, p. 7–20, 1971. Disponível em: Acesso em: 19 maio 2025

MORENO, S. F. *Paisagens portuárias: uma etnografia das relações entre humanos e pombos no porto de Santos*. Revista Nanduty, 2021.

OSÓRIO, A. A cidade e os animais: da modernização à posse responsável. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, p. 401–419, jul./dez. 2011.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. (Orgs.). *Etnografia de rua: estudos de Antropologia Urbana*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013.

SANTOS, M. *O espaço dividido*. São Paulo: Edusp, 2008. SANTOS, Milton. *O espaço dividido*. São Paulo: Edusp, 2008.

SILVA, H. A economia do açaí em Belém-PA: vida urbana e biodiversidade em uma experiência singular de desenvolvimento econômico. *Novos Cadernos NAEA*, v. 24, n. 3, p. 259–286, 2021.

SILVEIRA, F. L. A. da. As paisagens coexistenciais interespecíficas, ou sobre humanos e não humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica. *Illuminuras*, Porto Alegre, v.17, n. 42, p. 288-315, 2016.

SILVEIRA, F. L. A. da; BASSALO, T. de F. R. Corpos em equilíbrio: imagens e cotidiano ribeirinho no porto do Açaí e na ilha do Maracujá, Belém (PA). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 3(19): 1049-1073, 2012.

SILVEIRA, F. L. A. da.; SILVA, M. H. P. da. Urubus-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*), garças-brancas-grandes (*Ardea alba*) e peixeiros na Pedra do Peixe: experiências conviviais interespecíficas na cidade. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 18, n.45, p. 432-450, 2017.

SIMMEL, G. *Sociologia: estudios sobre las formas de socialización*. Madrid: Revista de Occidente, 1977.

_____. O dinheiro na cultura moderna. In. BUENO, A. (Org.). *O conflito da cultura moderna e outros escritos*. São Paulo: Editora do SENAC, 2013, pp. 51-70.

TSING, A. L. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, 2019.

VELHO, G. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.